

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Maio 2009 – Nº 202

Dez Mulheres de Arte

Guido Arturo Palomba

Filhos, cozinha e Igreja preencheram a vida das mulheres durante séculos.

Está ainda muito marcada nos nossos neurônios a época em que somente os homens falavam. Até nas artes plásticas apareciam, praticamente, apenas homens. Não tão distante, na primeira metade do século XX, para cada dez pintores homens, uma mulher; para cada dez empregos, um ou nenhum para mulher; para cada dez chefes, uma chefe; e nas universidades, uma caloura entre dez calouros. Somente os homens falavam!

No entanto, há pouco mais de 50 anos as mulheres começaram a dizer seus corpos, seus desejos, seus sonhos. Em um primeiro momento, contaram para outras mulheres, e, enquanto os homens continuavam a falar somente para os homens, elas começaram a falar para todos: homens e mulheres.

Agora, nós contaremos as mulheres nas rendas de aço da Regina;

nos gestos fixados em momentos da Magy;

nos desejos de crime da Rosário;

nos sonhos da Isabelle;

no *détournement* de fuxicos da Márcia;

na expressão da Cécile;

na sutileza de Anapana;

nos olhares da Claudia;

nos mistérios de Ana Aly;

nas fantasias da Alice.

Escutá-las é pura alegria.

Exposição na Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina, Sala Contemporânea, abertura em 29 de maio; encerramento em 15 de agosto.



Rapto de Dona Beija, new art, 80 x 70 cm, 2001

ALICE CARRACEDO (1939), Brasil.

Seu trabalho é eclético, muitas vezes telúrico, metafísico, cósmico, repleto de significados: às vezes políticos; outras, psicológicos; ou, ainda, mágicos. Abrange diversos temas em variadas linguagens, produzindo quadros concretistas, bem como abstracionistas pops e figurativos. Domina, com muita propriedade, as cores, extraindo delas o que podem dar de melhor.

Cinco exposições importantes para a artista:

- Ensaio crítico sobre a artista, escrito por Emanuel Von Laurenstein Massarani, premiado como o melhor livro do ano na Bienal de Veneza (2005);
- Unfolding Paper Brasil, Índia (1997);
- Expo-América 92, no Museu de Arte Brasileira (1992);
- Medalha de Ouro Extremo Oriente, na Exposição Taipei Fine Arts Museum, República da China (1986).
- Menção honrosa, II Salão Nacional de Artes Plásticas Santos Dumont (1981)

Seus *hobbies* são costurar, reciclar, criar roupas, ler, cozinhar, tocar violão e declamar poesias.



Pas de Deux Coeurs, acrílica e folha de ouro sobre tela, 110 x 170 cm, 2001

ANA ALY (1959), Brasil.

Basicamente, Ana é uma artista que admira e produz modalidades diversas de artes visuais, como fotografias, poesias visuais, desenhos gráficos e pinturas. Ela se autodefine como uma “artista visual com fixação em pintura”. Licenciou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), em 1977, e sempre dedicou-se à produção visual em variados segmentos, por exemplo, como capista e ilustradora de revistas; atuou em impressões de clichês com o Collegio das Artes; idealizou e idealiza mostras de pintura; ilustra livros; cria objetos artísticos para lojas de decoração (Tok&Stok) etc.

Cinco exposições importantes para a artista:

- VII Bienal Internacional de Poesia Visual, México (2001);
- XVII Bienal Internacional de Artes de São Paulo (1983);
- Entrepanos IV, mostra coletiva de tecidos, no Ásia 70 (2008);
- Estações, Casa de Portugal (2007);
- Exposição Obras em Processos, MAC (2004).

Você tem *hobby* Ana Aly?

“Não considero que eu tenha algum *hobby*.”

ANAPANA (1953), Brasil.

Trabalha a sensação e a imaginação com humor, explorando, magistralmente, a alegria e a aventura, que se transformam, por meio de técnica apurada, em belas imagens visuais. Simpaticíssima pessoa, é uma das mais queridas e talentosas artistas plásticas no circuito das artes de São Paulo. Cinco exposições importantes para a artista:

- Exposição na Reserva Cultural da Paulista;
- Entrepanos, uma Exposição de Panos (evento idealizado e organizado pela artista, com mais setenta participantes e várias edições no Ásia Arts, do Ásia 70);
- Conselheira da Academia Latino-Americana de Arte;
- Leilão e exposição na Galeria Rennot;
- SESC Pompeia, exposição Alma de Artista (curadoria Sara Goldman).

Seu *hobby* é fixar momentos em fotografias.



Natureza Feminina, acrílica sobre tela, 80 x 147 cm, 2009

CÉCILE COUTANT (1964), França.

Nascida em Nantes, desde tenra idade volta-se para as artes plásticas. Morou em Lisboa, em cuja linda cidade passou sete anos a impregnar-se da luz e das cores da região. Ao retornar à França, estudou e formou-se em artes plásticas, na universidade de Paris-1 Panthéon-Sorbonne, apaixonando-se pelo expressionismo. Seus temas são os nus femininos, pois “la nudité rappelle l’état primaire de l’homme”.

Em 2004, fundou a Associação Pièce Unique, composta por seletíssimo grupo de artistas. Suas obras são ricas de sentido, elegantes e expressivas. Domina, com maestria, as cores, a luz e a sombra, a lembrar a própria metáfora da luz: habita ela todos os seres e toda a natureza, tão somente porque existe a sombra, que lhe dá contraste.

Cinco exposições importantes para a artista:

- Château Chânorier à croissy sur Seine (2009);
- Café In à carrières sur Seine (2008);
- La Nuit des Cerfs, Nantes (2006);
- Centro Cultural de Coimbra, Portugal (2006);
- The Stage Gallery, Nova York (2003).



Femme Dans un Paysage, acrílica sobre tela, 80 x 100 cm, 2009



Mulher com Cigarro, técnica mista, 100 x 90 cm, 2007

CLAUDIA FURLANI (1964), Brasil.

Constante pesquisadora e experimentadora, bem como exímia na técnica da pintura, é capaz de passar de um estilo a outro, sempre à procura do conjunto ideal, no qual todas as possibilidades são possíveis, sem exceção. Atualmente enfatiza mãos, olhares e bocas, produzindo telas de grande impacto visual. São retratos de pessoas, rostos que se destacam do fundo e do contrafundo e por eles são mantidos. O belíssimo efeito Claudia é obtido por meio de colagens e tintas, cujo conjunto revela características e enigmas do retratado.

Exposições importantes para a artista: capista de livros para a Editora Saraiva e algumas revistas, várias exposições individuais e coletivas pela Cooperativa dos Artistas Visuais do Brasil; em 2009, segundo semestre, irá expor em Cuba.

Hobby: fotografar e tocar piano.



Magic Idoru, acrílica sobre tela, 180 x 130 cm, 2008

ISABELLE RIBOT (1961), França.

Durante anos desenhou e pintou em papel. Pouco a pouco, o formato dos trabalhos foram se modificando, crescendo, e, então, passou a pintar em bobinas de papel. Depois, em rolos de telas, chegando a produzir obras com trinta metros de comprimento por dois de altura. Estas são como diários, a contar histórias de conteúdo intenso. Expressam percepções e sentimentos sofisticados, envoltos em mistérios e sensualidade, com rico colorido, resultando em belíssimos conjuntos. A série Idoru (consciente ou inconscientemente) são autorretratos. Cinco exposições importantes para a artista:

- L'Excuse, Caen (1998);
- Galerie Point, Caen (1999);
- Salão Arte do Novo Século, Jundiaí (2003);
- Biennale de Arad, Romênia (2005);
- Monkdogz Urban Art, Nova York (2008).

Seu *hobby* é tomar caipirinha com amigos.



Leitura de uma Carta, desenhos em lápis e óleo sobre papel kraft, 96 x 66 cm, 1993

MAGY IMOBERDORF (1947), Suíça.

A base de seu trabalho é o desenho, o qual faz com grande habilidade, sobre os mais diferentes suportes, por exemplo, madeira, metal, discos, telas, além do papel. São, na maioria, retratos. Sejam pessoas e animais, sejam plantas, todos fixam a vida em um instante expressivo e único. Foi uma das mais importantes publicitárias do Brasil, profissão que não mais exerce, deixando-a para dedicar-se, integralmente, à arte. Cinco exposições importantes para a artista:

- Galeria Regina Boni (1984);
- Exposição de quatrocentas camisetas diferentes para vender em benefício da Fundação Dorina Novill (todas vendidas em apenas três dias);
- Exposição em Basel, Suíça (2008);
- Exposição na Mônica Filgueiras Galeria (2006);
- Exposição Coletiva com o Grupo Tupyexx (2005).

Seu *bobby* coincide com sua dedicação: trabalhar em seu lindo ateliê em Santana do Parnaíba.



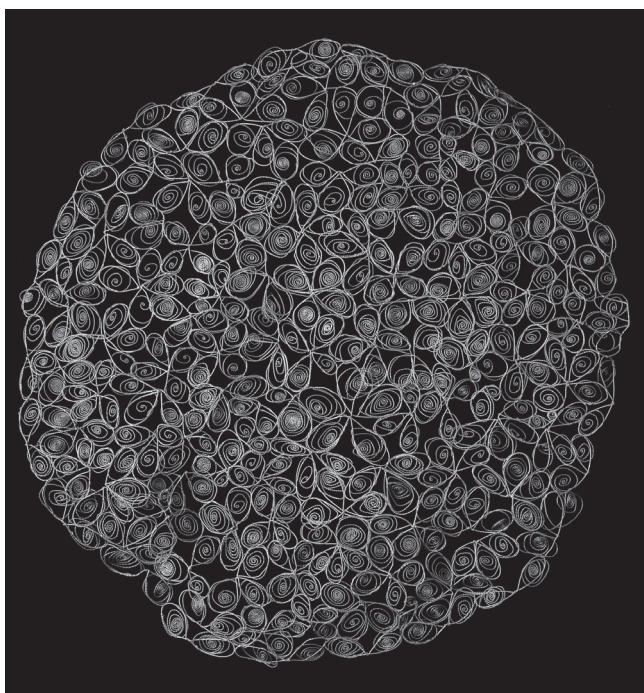
Fuxico da Paz, objeto, 30 x 30 cm, 2007

MÁRCIA FIGUEIREDO (1954), Brasil.

O círculo predomina em sua obra. E, como tal, simboliza a totalidade feminina, a eternidade pela criação, o útero prenhe que dará à luz o “novo ser” no redondo mundo. Dentro de círculos, Márcia cola, pinta, ajunta pequenas imagens, medalhas, pedras, tecidos, formando verdadeiras mandalas. Estas aproximam-se do ponto indivisível de Jung, no qual todos os conteúdos heterogêneos formam um só elemento, limitados pelo círculo, cuja linha reconduz para si mesma, à semelhança da serpente, em que cabeça pega a própria cauda. A linguagem simbólica, aliada ao instinto feminino, forma o particular de sua obra, repleta de significados próprios e pessoais.

Cinco exposições importantes para a artista:

- Exposição Painel Coletivo no MAC (2004);
- Uma Homenagem a Ianelli no MUBE (2004);
- Arte do Novo Século, Jundiaí (2003);
- Cores Femininas, conjunto Caixa Cultural (2002);
- Funarte (2001).



Dança das Flores, arame galvanizado, torcido, desenhado e costurado, 120 cm de diâmetro, 2007

REGINA DE BARROS (1971), Brasil.

Obras delicadas e fortes, rústicas e sofisticadas, barrocas e contemporâneas, ou seja, contêm a união dos opostos, que se atraem e formam um todo uno e coeso, o *mundus uno*, com grande força plástica. O mais e o menos, o certo e o errado, o tudo e o nada, são sizígias da existência, que a arte transcende unindo contrários, a restabelecer a harmonia. Tecendo o aço e o ferro, Regina nos dá rendas carregadas de simbolismo, na dureza do material e na leveza do belo.

Cinco exposições importantes para a artista:

- OFF Bienal (2008);
- Chapel Art (2007/2006/2005);
- Exposição na Argentina (2006);
- Exposição Art du Brésil, França (2005);
- Exposição coletiva no Salão de São Paulo Paralelo à Bienal (2004).

ROSÁRIO RICHARD (1961), Angola.

Novíssimo valor artístico, em suas primeiras exposições. Nasceu em Angola, morou vários anos em Paris, psicóloga, hoje no Brasil, pinta por puro prazer. Das suas telas emergem suas sagradas raízes africanas. São temas envoltos em universo místico, diálogos permanentes entre os céus-infernos e a terra, que envolvem pessoas e entidades, não sobrenaturais, mas, sim, mágicas, fortemente representativas. Falam dos desejos e dos sentimentos da própria artista. Contudo, o que mais sobressai em seus trabalhos, para além dos temas, é a combinação fantástica de cores. Nesse aspecto, revelam-se dotes de experimentada mestra (e isso é possível porque fruto da pura intuição, não da experiência). Utiliza as cores, principalmente os vermelhos e os verdes, em suas múltiplas possibilidades, a lembrar Matisse e seu fantástico universo cromático.

Cinco exposições importantes para a artista:

- Galerie du Port — Nice, França (2005);
 - Salle Municipale de Bougival, França (2006);
 - Criação, em Angola, da empresa “Omboko, Ltda — Produções Cinematográficas, Edição e Promoção de Eventos Culturais” (2007);
 - Produção, pela Omboko, da curta-metragem *Demain sera différent*, filme apresentado no Festival de Cinema Africano (2008);
 - Exposição Dez Mulheres de Arte na APM (2009).
- Seus *hobbies* são literatura, cinema e viagens.



Murder, óleo sobre tela, 167 x 129 cm, 2009

Poemas

II

Que canto há de cantar o que perdura?
 A sombra, o sonho, o labirinto, o caos
 A vertigem de ser, a asa, o grito.
 Que mitos, meu amor, entre os lençóis:
 O que tu pensas gozo é tão finito
 E o que pensas amor é muito mais.
 Como cobrir-te de pássaros e plumas
 E ao mesmo tempo te dizer adeus
 Porque imperfeito és carne e perecível
 E o que eu desejo é luz e imaterial.
 Que canto há de cantar o indefinível?
 O toque sem tocar, o olhar sem ver
 A alma, amor, entrelaçada dos indescritíveis.
 Como te amar, sem nunca merecer?

Hilda Hilst
 “Da Noite”, In: *Do desejo*

XXXVIII

Toma-me ao menos
 Na tua vigília.
 Nos entressonhos.
 Que eu faça parte
 Das dores empoçadas
 De um estendido de outono
 Do estar ali e largar-se
 Da tua vida.
 Toma-me
 Porque me agrada
 Meu ser cativo do teu sono.
 Corporifica
 Boca e malícia
 Tatos.
 Me importa mais
 O que a ausência traz
 E a boca não explica.
 Toma-me anônima
 Se quiseres. Eu outra
 Ou fictícia. Até rapaz.
 É sempre a mim que tomas
 Tanto faz.

Hilda Hilst
 In: *Cantares*

Samba-canção

Tantos poemas que perdi.
 Tantos que ouvi, de graça,
 pelo telefone - taí,
 eu fiz tudo pra você gostar,
 fui mulher vulgar,
 meia-bruxa, meia-fera,
 risinho modernista
 arranhado na garganta,
 malandra, bicha,
 bem viada, vândala,
 talvez maquiavélica,
 e um dia emburrei-me,
 vali-me de medidas
 (era uma estratégia),
 fiz comércio, avara,
 embora um pouco burra,
 porque inteligente me punha
 logo rubra, ou ao contrário, cara
 pálida que desconhece
 o próprio cor-de-rosa,
 e tantas fiz, talvez
 querendo a glória, a outra
 cena à luz de spots,
 talvez apenas teu carinho,
 mas tantas, tantas fiz...

Ana Cristina César
 In: *A teus pés*

Assim o amor

Assim o amor
 Espantando meu olhar com teus cabelos
 Espantando meu olhar com teus cavalos
 E grandes praias fluidas avenidas
 Tardes que oscilavam demoradas
 E um confuso rumor de obscuras vidas
 E com o tempo sentado no limiar dos campos
 Com seu fuso sua faca e seus novelos
 Em vão busquei eterna luz precisa.

Sophia de Mello Breyner Andresen
 In: *Geografia*

Pincela-me

Pincela-me nua estendida na praia.
 Contorne montanhas, quadris abaixo, nuca, nádegas.
 Estenda lençóis de água.
 Cubra-me com leve areia perolada.
 Sem calcular observe a paisagem mudar.
 Depois beba e eternize-me em sua sala de estar.

Lince (Cintia Oliveira)

Mulher de pele fina

Não tenho apelido para você.
 Sou boneca, moleca.
 Não sou de louça, meu cabelo é de palha!
 Minha unha não é navalha. Minha cor é do brasil.
 Sou mulher de pele fina, sorriso sem moral, cadeira natural.
 Corpo morno para o quente.
 Olhar meio indecente num quarto crescente.
 Farol para avisar. Sonho sob algum luar.

Lince (Cintia Oliveira)

E ela soube que tinha sido atravessada por uma trilha luminosa, varada, instantaneamente, de um quadrante ao outro, por um clarão fugitivo que o pensamento só podia seguir no encaicho. E o que havia ali para ser entendido, era o corpo que entendia – num viés absolutamente novo, onde as imagens se estendiam sobre as sensações – ou, antes, se enlaçavam a elas. E a culminância para onde ela (em cada um dos seus corpos) convergia, ao abrir-se em pétalas, tornava inseparáveis a queda aniquiladora do seu próprio corpo, entregue ao corpo que estava ali, e o vislumbre, simultaneamente doce, do outro corpo, ausente.

Claudia Roquette-Pinto
 In: *Margem de manobra*

Epitáfio da navegadora

Se te perguntarem quem era
 essa que às areias e gelos
 quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos
 mares sem deuses desta vida,
 sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;
 e que em algas e espumas presa
 deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de beleza
 e nunca desejou mais nada;
 que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada,
 diz: “Eu não pude conhecê-la,
 sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,
 foi: ‘SERENA DESESPERADA’”.

Cecília Meireles
 In: *Vaga música*

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany